

**VOZES DA ESPERANÇA. EXÍLIO, MOBILIZAÇÃO POLÍTICA  
E PROPAGANDA CONTRA SALAZAR NO BRASIL E NOS  
ESTADOS UNIDOS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL<sup>(1)</sup>**  
VOICES OF HOPE. EXILE, POLITICAL MOBILIZATION AND  
PROPAGANDA AGAINST SALAZAR IN BRAZIL AND THE  
UNITED STATES AFTER THE SECOND WORLD WAR

ALBERTO PENA-RODRÍGUEZ

Universidade de Coimbra, CEIS20 | Universidade de Vigo

alberto@uvigo.es

<https://orcid.org/0000-0001-8667-6287>

HELOISA PAULO

Universidade do Porto, CITCEM

heloisapaulo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9990-088X>

Texto recebido em / Text submitted on: 06/10/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 30/01/2026

## Resumo

Este trabalho estuda a mobilização política e a propaganda do exílio português no Brasil e nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, quando a vitória

---

(1) Parte deste trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/00460/2025 - <https://doi.org/10.54499/UID/00460/2025>. Para as suas pesquisas, Alberto Pena-Rodríguez beneficiou de uma Bolsa de Investigação em Cultura Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian.

dos aliados sobre as potências fascistas fez nascer a esperança do fim da ditadura salazarista e do regresso da democracia. O objetivo deste artigo é analisar algumas das ações de propaganda e agitação mais significativas realizadas pelos exilados no período imediatamente após a guerra, numa tentativa de projetar e legitimar a sua causa entre os imigrantes portugueses na América.

### **Palavras-chave**

Exílio; propaganda; mobilização política; imigração portuguesa; salazarismo.

### **Abstract**

This paper studies the political mobilisation and propaganda of Portuguese exiles in Brazil and the United States after the Second World War, when the Allied victory over the Fascist powers raised hopes for the end of the Salazar dictatorship and the return of democracy. The aim of this article is to analyse some of the most significant propaganda and agitation actions carried out by exiles in the immediate post-war period, in an attempt to promote and legitimise their cause among Portuguese immigrants in America.

### **Keywords**

Exile; propaganda; political mobilization; Portuguese immigration; salazarismo.

### **Introdução**

A República demoliberal, com vetores de autoritarismo, implantada em Portugal em 1910, termina com o advento da ditadura militar, em 28 de maio de 1926, seguida, posteriormente, pelo regime salazarista do Estado Novo, fundado oficialmente em 1933 (Reis Torgal 2011). A repressão, a censura, as prisões, os julgamentos sumários, as deportações crescem à medida que os protestos contra a ditadura se intensificam. Até ao dia 25 de Abril de 1974, republicanos, socialistas, anarquistas, comunistas e demais opositores ao regime travam na clandestinidade ou no exílio um combate incessante pelo retorno da liberdade em terras portuguesas. No entanto, durante os anos da Segunda Guerra, os exilados anti-salazaristas não possuem grande margem de manobra, apesar do combate internacional contra o fascismo (Dawn 1988; Clímaco 2017; Martins 2018; Paulo 2024).

No final do conflito, a imagem internacional do Portugal salazarista é a de um regime fascista<sup>(2)</sup>. A sua posição geopolítica na nova ordem internacional era vista com desconfiança pelos países aliados devido à sua aliança com a Espanha do general Franco e a participação no Bloco Ibérico em 1942. A recusa da ONU em admitir a entrada de Portugal em 1946, complicou nestes primeiros anos do pós-guerra a integração da ditadura salazarista na comunidade internacional, e as suas supostas atitudes «democráticas» também não convencem, já que a repressão, o controle dos meios de propaganda e a perseguição sistemáticas aos opositores continuaram em vigor (Jiménez Redondo 2003: 158).

Numa tentativa de sobreviver no novo cenário internacional, o regime de Salazar tenta demarcar-se dos fascistas, convocando eleições para a Assembleia Nacional e algumas mudanças de «fachada», como a troca da designação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) para Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) (Paulo 1994; Pena-Rodríguez, Paulo 2016). No entanto, os opositores anti-salazaristas começam a reorganizar-se. A oposição encara estas alterações com esperança, apostando no apoio dos países democráticos contra o regime de Salazar. Ainda antes da assinatura da rendição das forças do Eixo, em dezembro de 1943, em solo português, os opositores se reagrupam através da formação do Conselho de Unidade Nacional Antifascista (CUNAF), liderado pelo comunista Bento de Jesus Caraça. Este movimento é ladeado por um outro, o Movimento de Unidade Nacional Antifascista, presidido pelo General José Norton de Matos, congregando elementos do republicanismo, como Barbosa de Magalhães, e incorporando o CUNAF (Paulo, Pinto Janeiro 2010: 21-34).

A convocatória para as eleições presidenciais em 1949, obrigam o regime a reunir forças para garantir a sua sobrevivência. A candidatura de Norton de Matos à presidência da República contra o Presidente Óscar Carmona é iniciada por uma conferência de imprensa do candidato opositor, onde este declara a sua vontade de fazer «desaparecer para sempre» Salazar e o Estado Novo (Norton de Matos 1948: 33). As manifestações públicas que se seguiram conseguiram reunir multidões no Porto, Lisboa e Coimbra. Antigos republicanos e democratas, e jovens, como o então comunista, Mário Soares, ocupam as tribunas nos comícios.

---

(2) Os autores consideram a ditadura salazarista como um modelo fascista, embora exista um debate historiográfico sobre a natureza e os fundamentos ideológicos do regime.

No exterior, os grupos de exilados, estabelecidos no Brasil e Estados Unidos, tentam ajudar a campanha, apesar da armadilha engendrada pelo regime que não permite sequer o uso de um mesmo boletim de voto para ambos os candidatos (Rosas 1994). No final, a situação geopolítica de Portugal no contexto da Guerra Fria acaba por favorecer os interesses do Estado Novo. O perigo comunista e o combate empreendido pelo salazarismo aparecem, naquele momento, como a razão da continuidade de Salazar no poder e do desprezo pela luta dos seus opositores.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar algumas das principais ações de mobilização e propaganda política organizadas pelos opositores da ditadura salazarista no Brasil e nos Estados Unidos junto dos emigrantes portugueses entre 1945 e as eleições de 1949. As comunidades de emigrantes nesses países, dada a sua relevância histórica e a sua influência política ou sociocultural no contexto da diáspora portuguesa, foram alvo de campanhas específicas promovidas pelos exilados políticos, na ânsia de legitimarem internacionalmente a sua luta e de obterem apoios contra o Estado Novo. Correspondências particulares, jornais, panfletos servem de pano de fundo para este trabalho.

Embora o estudo geral dos núcleos portugueses no estrangeiro e da sua atividade política durante o Estado Novo tenha sido abordado nos últimos anos sob várias perspetivas em obras de autores como Pereira (2014), Clímaco (2017), Pena-Rodríguez (2021) e Paulo (2024), faltam estudos específicos que proporcionem um conhecimento mais extenso e comparativo sobre a difusão e a aceitação entre os emigrantes portugueses, em geral profundamente conservadores, das propostas dos anti-salazaristas. Este trabalho é uma tentativa de oferecer um novo olhar sobre a atividade dos exilados portugueses no Brasil e nos Estados Unidos durante estes anos, a partir, essencialmente, de documentação diplomática do governo português, dos arquivos de Moura Pinto e Jaime de Moraes, e de algumas referências hemerográficas.

## **Diáspora e exílio no Brasil e nos Estados Unidos**

O Brasil sempre foi o destino preferencial da emigração portuguesa. No século XX, monárquicos e republicanos emigrados disputam o controlo da colónia através das suas associações, nomeadamente o Real Gabinete Português de Leitura e os núcleos associativos que prestam assistência aos

emigrantes. A criação de uma Federação das Associações Portuguesas do Brasil, na década de 1930, marca a adesão dos setores mais conservadores ao Estado Novo. O organismo visa congrega a colônia em torno da proposta nacionalista do regime português, criando uma associação que possa servir os propósitos da propaganda salazarista (Paulo 2000: 87).

Porém, desde as primeiras notícias sobre o golpe militar de 1926, os republicanos portugueses radicados no Brasil se posicionam contra a ditadura em Portugal. Associações como o Grémio Republicano de São Paulo ou o Centro Republicano do Rio de Janeiro, bastiões do republicanismo na colônia portuguesa, assumem a responsabilidade do combate ao regime. O jornal *Portugal Republicano* passa a dar voz aos dissidentes radicados em Portugal e em outros locais de exílio. No entanto, desde 1937, o Estado Novo de Getúlio Vargas (Ferreira, Almeida Neves 2019) é marcado por uma retórica política semelhante ao do seu homólogo português, exercendo a censura e a repressão, coibindo as manifestações democráticas e obrigando os emigrados e exilados republicanos a proteger-se com o silêncio (Tucci Carneiro 2017: 35-67).

Nos Estados Unidos, tal como no Brasil, a comunidade portuguesa era politicamente muito heterogênea, dividida entre um bloco conservador e outro progressista. E de igual forma, ambas as colônias partilhavam um imaginário comum ligado aos seus valores culturais tradicionais, à iconografia e mitologia nacional portuguesa e à sua experiência de vida como imigrantes. Neste universo simbólico, em que se confundiam emoções relacionadas com a representação da identidade portuguesa e a forte propaganda nacionalista do salazarismo, os opositores viam o seu combate esvaecer ante os apelos do regime, aos quais eles próprios não eram imunes (Paulo 2024: 91-107; Pena-Rodríguez 2021: 120-129).

Na América, os conservadores defendiam posições contrárias ao parlamentarismo democrático europeu, enquanto os opositores ao regime, defendiam um vasto leque de ideologias mais ou menos progressistas. Estes últimos predominavam em New Bedford (Massachusetts), epicentro da colônia da Nova Inglaterra, onde existia, desde 1911, o Clube Republicano Português, uma organização de cariz socio-liberal criada para instruir os imigrantes. Nesta órbita ideológica, havia republicanos, comunistas, socialistas, anarquistas e anticlericais, unidos pela oposição à ditadura.

No caso específico dos EUA, as colônias pró-salazarista e opositora convergiam na representação de um discurso político semelhante

nas comemorações patrióticas, que o Estado Novo sempre tentou explorar para ganhar adeptos (Correira 2021: 92). Ambas as correntes dispunham de instituições sindicais a partir das quais promoviam as suas ideologias políticas, nalguns casos com periódicos como o *Liberdade*, órgão da Aliança Liberal Portuguesa, que era outra das instituições mais representativas da colónia.

Tal como em território brasileiro, o discurso institucional das entidades associativas luso-americanas era a defesa acérrima da pátria, como entidade suprema que representava os valores da «raça» lusitana. O culto patriótico deste ideal racial foi estimulado pelas campanhas do Estado Novo nos Estados Unidos, que procurou tornar-se o baluarte da defesa da essência da identidade nacional portuguesa (Carvalho Arroteia 2010). A comemoração da independência de Portugal, a época gloriosa das explorações marítimas, o seu estatuto de potência colonial, entre outros clichés mitológicos ou lendários, foram argumentos utilizados pela ditadura portuguesa para influenciar e moldar a visão política dos emigrantes.

Neste quadro, a década de quarenta assinala mudanças significativas em ambas as colónias de emigração. No Brasil, em 1940, após passarem pelas prisões portuguesas, chegam dois líderes do movimento republicano opositor exilado: Jaime Cortesão e Jaime de Moraes. O primeiro (Seixas Melo 2020), escritor de renome, o segundo, oficial da Marinha e antigo governador de Angola, vão se juntar ao antigo Ministro da Justiça de Sidónio Pais, Alberto Moura Pinto. Os três ficaram conhecidos pela participação em inúmeras ações contra a ditadura militar e contra o salazarismo, ganhando a alcunha de «Budás», alcunha dada por um elemento vinculado ao regime, ou ainda, de «Grupo de Madrid» (Paulo 2024: 207). Desde 1931, radicados em Espanha, eles participam da luta republicana na Guerra Civil e, com o término do conflito espanhol, acabam por buscar refúgio em França. Moura Pinto parte para o território brasileiro logo em 1939, mas os outros dois, assim como outros exilados, acreditando na proposta de perdão de Salazar e com as tropas nazis a atravessarem a fronteira francesa, retornam a Portugal, onde são presos e deportados para o Brasil.

A presença dos «Budás» em território brasileiro suscita o entusiasmo da colónia republicana que, neste momento, cresce com a chegada de um número maior de exilados e emigrados políticos do regime português. Em 1942, a entrada do Brasil na Segunda Guerra, ao lado dos aliados, proporciona uma liberdade relativa de combate desta frente de oposição, embora mantendo-se a censura imposta pelo governo de

Getúlio Vargas até fevereiro de 1945. Acontecem então as primeiras ações de propaganda anti-salazarista dos exilados, ainda que limitadas aos pequenos encontros de confraternização e comemoração do 5 de outubro, data da implantação da República, sendo o republicanismo o símbolo da resistência democrática (Paulo 2017: 85-98).

Paralelamente, alguns dos exilados passam a escrever em jornais brasileiros, aproveitando a propaganda contra o «inimigo» do governo brasileiro, o fascismo (Paulo 2020). Os escritos de opositores como Jaime de Moraes ou Lúcio Pinheiro dos Santos abordam a neutralidade de Portugal, a sua vinculação com os regimes fascistas, bem como a própria imagem de Salazar. O passado dos articulistas é evocado para legitimar o próprio discurso democrático, em especial a passagem de alguns deles pela Guerra Civil espanhola e o exílio (Paulo 2024: 167).

O movimento anti-salazarista no Brasil permanece com um carácter predominantemente republicano até o final da Segunda Guerra. São eles que articulam a fundação da «União dos Democratas Portugueses»<sup>(3)</sup>. A presidência do grupo é entregue a Ricardo Seabra, um rico emigrante republicano, e no seu diretório estão Jaime Cortesão, Jaime de Moraes e Alberto Moura Pinto<sup>(4)</sup>. Para além dos republicanos, participam da associação simpatizantes socialistas, comunistas e anarquistas (*Diário Carioca*, 17/08/1945: 3). O seu objetivo é ser o «porta-voz» dos opositoristas no exterior, apesar dos sinais de dissidência já existentes no movimento de oposição do exílio português.

Mas o aparecimento de uma representação da Frente de Unidade Antifascista no Rio de Janeiro altera o equilíbrio de forças na oposição exilada com a entrada em cena de uma organização que se define como pró-comunista (Paulo 2024: 93). Lúcio Pinheiro dos Santos e o recém-chegado Aniceto Monteiro são nomes de destaque nesta nova associação que pretende, como a anterior, representar a oposição exilada. Apesar dos diferendos internos, à medida que o conflito mundial se aproxima do fim, aumenta a condenação a Salazar e a posição neutral de Portugal, favorecendo o movimento dos opositores anti-salazaristas no Brasil. Em 1944, o jornalista Silvestre Maia denuncia a propaganda salazarista e

---

(3) Não encontramos menções de registo da associação no *Diário Oficial da União* do então Distrito Federal. Sem o mencionado registo, a instituição não teria carácter legal.

(4) Arquivo Moura Pinto (AMP). Todas as informações sobre a UDP foram obtidas através dos textos dos telegramas, cartas e do material de divulgação.

apresenta Lúcio Pinheiro dos Santos, Jaime de Moraes e Jaime Cortesão como verdadeiros heróis da luta pela democracia em Portugal (*Diário Carioca*, 14/05/1944: 2).

Neste contexto, os democratas brasileiros, eles próprios ansiosos para deporem Vargas, passam a apoiar os exilados através de associações, como a Associação Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa (ABADP), criada em outubro de 1945, na qual participam nomes como o escritor Manuel Bandeira e o futuro fundador do Partido Socialista brasileiro Hermes de Lima. Um período de esperança e liberdade parece marcar a oposição portuguesa anti-salazarista no Brasil (Paulo 2000: 59-63).

Quanto à comunidade portuguesa nos Estados Unidos, é difícil distinguir os imigrantes que se estabeleceram nos Estados Unidos como exilados políticos. Sabe-se, em todo o caso, que o território norte-americano não era o lugar preferido dos que fugiam de Portugal por razões puramente ideológicas (Pena-Rodríguez 2021: 82). Alguns dos que emigraram por motivações económicas tornaram-se também exilados quando começaram a colaborar em ações de oposição à ditadura ou devido à sua identificação com a propaganda anti-salazarista. A proximidade atlântica, a maior interação política derivada de um agrupamento urbano, com periódicos portugueses influentes como o *Diário de Notícias* de New Bedford, a maior presença do corpo diplomático português (com a embaixada em Washington e os consulados em Boston, Nova Iorque, New Bedford, Providence e Fall River), levaram a um maior envolvimento dos membros da colónia nos estados da Costa Leste na vida política de Portugal (Pena-Rodríguez 2020: 3). Na comunidade luso-californiana a ação dos opositores foi quase nula, devido ao afastamento e à ausência de anti-salazaristas, como acontecia nos estados de Massachusetts e Nova Iorque. No entanto, de todas as cidades onde se verificou algum tipo de atividade de propaganda por parte de qualquer dos sectores políticos envolvidos, New Bedford foi a que mais se destacou (Pena-Rodríguez 2020: 5).

A liderança do movimento oposicionista nos Estados Unidos foi assumida por João Camoesas, que depois de se instalar em Massachusetts, em junho de 1929, criou uma rede de colaboradores e estabeleceu um contacto estreito com a imprensa portuguesa de Nova Inglaterra e Nova Iorque, através de frequentes colaborações jornalísticas (ver *Diário de Notícias*, 13/06/1929: 1). O seu prestígio como antigo ministro, bem como o seu estatuto de médico e académico, trouxeram-lhe um reconhecimento

imediatamente por parte de muitos dos imigrantes, que se sentiram honrados por poderem recebê-lo como membro da colônia (Correia 2021: 132).

Embora muito menos significativa do que no Brasil, houve uma certa atividade política e de propaganda contra a ditadura na América do Norte. O período de maior intensidade, em que a imprensa portuguesa nos Estados Unidos teve um papel destacado como agente de mobilização dos grupos de imigrantes, iniciou-se com a instauração do Estado Novo em 1933 e terminou com a realização das eleições para chefe de Estado em Portugal, a 13 de fevereiro de 1949. Após este período, a mobilização política no seio da colônia luso-americana decaiu até ser timidamente reavivada na década de 1960 (Pena-Rodríguez 2021: 95-103).

### **A esperança de redemocratização após a guerra**

O final da Segunda Guerra Mundial marca um novo ciclo para os opositores de Salazar. A possibilidade de reconhecimento internacional de um governo oposicionista no exílio passa a ser uma opção com a nova organização das Nações Unidas. O regime vigente em Portugal, cuja origem era um golpe contra um governo democraticamente eleito, poderia ser considerado como ilegal pelos países que comporiam a assembleia de nações. A sua ilegalidade significaria a sua condenação internacional e o seu possível fim. Para tal, o primeiro passo seria o envio de representantes do movimento oposicionista à Conferência de São Francisco, aberta em 25 de abril de 1945. Inicia-se uma ativa correspondência entre os opositores radicados em Paris, Estados Unidos e o grupo dos Budas no Brasil. Chegam cartas para Moura Pinto, o «contacto» oficial da UDP com o exterior. De facto, os exilados do Brasil, juntamente com elementos do recém-formado Movimento de Unidade Democrática, em território português, articulam uma ação com os democratas portugueses em território norte-americano. Este é o primeiro passo de outros que serão dados até as eleições de 1949, quando a oposição vê cair por terra a esperança de uma redemocratização a partir do interior do próprio regime salazarista.

Nos Estados Unidos, com o desejo de enfrentar Salazar a partir de uma posição de maior visibilidade institucional, os opositores fundaram, em 1945, o Portuguese-American Committee for Democracy (PACD), cujo principal objetivo era tornar-se a instituição de referência da

oposição ao salazarismo na América do Norte. O PACD era presidido por João Camoesas, acompanhado na comissão diretiva pelo escritor José Rodrigues Miguéis (ver biografia de Marques 2025 e Barcelos Mendonça 2010) e por Abílio de Oliveira Águas, antigo cônsul em Providence (Rhode Island), como primeiro e segundo vice-presidentes, respetivamente.

O PACD foi oficialmente apresentado num evento político organizado a 21 de fevereiro de 1945, em Nova Iorque, onde mais uma vez se concretizou a colaboração entre os exilados políticos ibéricos. O acontecimento teve lugar na sede da prestigiada revista *The Nation*, cuja seção «Political Warfare» era dirigida pelo antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Espanhola, Julio Álvarez del Vayo, que celebrou a unidade de ação dos democratas espanhóis e portugueses contra as ditaduras ibéricas, recordando o apoio dado pelos exilados portugueses ao governo republicano espanhol nas horas críticas da guerra civil (*Diário de Notícias*, 23/02/1945: 1).

O principal objetivo do PACD era sensibilizar os imigrantes e informar a opinião pública americana sobre o «carácter fascista» do regime de Salazar, a sua aliança com o General Franco no seio do bloco ibérico e as suas políticas repressivas contra a sociedade portuguesa. As ações propagandísticas do comité visavam fomentar uma corrente de solidariedade e de mobilização contra o regime português, uma vez que o Estado Novo representava o tipo de modelo político e de ideologia que a democracia americana pretendia combater. Ao orientar a sua ação política contra a ditadura através de escritos dirigidos a fóruns, personalidades e organizações internacionais, João Camoesas e o PACD procuravam promover um movimento de agitação entre os seus compatriotas, chamar a atenção do governo americano e da comunidade internacional e exercer uma pressão politicamente simbólica, mas suficiente para prejudicar e comprometer entre os emigrantes a imagem de estadista que Salazar procurava projetar.

O PACD organizou dezenas de iniciativas políticas destinadas a amplificar a sua propaganda e a mobilizar os imigrantes. Uma das mais significativas mensagens do PACD, com maior impacto mediático, foi difundida apenas um mês após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando Camoesas decidiu enviar um telegrama a Salazar instando-o a entregar o poder aos democratas de forma a «reintegrar Portugal» na órbita dos países democratas (*Diário de Notícias*, 09/05/1945: 1).

Em maio de 1945, Salazar ofereceu aos exilados uma nova oportunidade para intensificar a sua propaganda, depois de se ter conhecido que a ditadura salazarista tinha decretado 3 dias de luto oficial pela morte de Hitler. Esta notícia gerou uma agitação política entre os emigrantes portugueses e as autoridades norte-americanas, estimulando um grande movimento de repulsa social que afetou seriamente a imagem de Portugal na América. Durante várias semanas, o governo português foi publicamente insultado e alguns imigrantes foram mesmo objeto de gestos de repúdio social. Olga Sarmiento, cidadã de origem portuguesa e presidente da Cruz Vermelha Americana, alertou Salazar do assédio de que a comunidade luso-americana estava a ser alvo. Salazar respondeu afirmando que o assunto tinha sido «maliciosamente explorado» e justificando a sua decisão por questões protocolares (ANTT, AOS/CO/NE/2C, caixa 426).

Como reação à ação dos exilados e à má imagem do regime, o embaixador de Salazar, João António de Bianchi, ordenou aos seus serviços diplomáticos uma campanha de desmentidos. No documento de contrapropaganda que Bianchi fez circular entre o corpo consular para acalmar os emigrantes, afirmava-se que a neutralidade de Portugal e a cedência das bases dos Açores aos Estados Unidos, bem como o respeito escrupuloso pela aliança com a Grã-Bretanha, tinham sido decisivos para a vitória dos aliados (NBWM, PIR, caixa 2).

Tendo em conta o reavivar da oposição em ambos os países, a privilegiada situação dos opositores em solo norte-americano, local da futura ONU, e o fortalecimento dos anti-salazaristas no Brasil, é empreendido um avanço no reconhecimento da oposição como governo legal de Portugal. A partir do território brasileiro, os republicanos da UDP retomam os vínculos com antigos companheiros que, em solo português, estão envolvidos no combate ao regime. Os antigos vínculos que, durante o reviralhismo, uniram republicanos e apoiantes ganham um novo sentido e direção. O passado e o papel de relevo dos «Budás» são elementos decisivos na escolha da UDP como «representante legal» do movimento oposicionista português por aqueles que comandam o movimento em Portugal (AMP, carta de «Rafael» a Moura Pinto, 16/04/1945). De Lisboa, chega aos exilados do Brasil uma credencial, assinada por «N» (Norton de Matos), «B» (Barbosa de Magalhães) e «B» (Bento de Jesus Caraça) delegando a Moura Pinto, Jaime de Moraes, Cortesão e ainda José Rodrigues Miguéis, em representação do grupo de emigrados nos Estados Unidos, «plenos poderes», com o objetivo

de «acompanhar os trabalhos da Conferência de São Francisco, procurando todas as formas eficientes de esclarecer à opinião pública internacional e os governos responsáveis» sobre a situação da ditadura portuguesa (AMP, credencial, Lisboa, abril 1945).

Nesta dinâmica, a rede de opositores no Brasil e Estados Unidos decide criar um Conselho conjunto, composto por José Rodrigues Miguéis, José Domingos dos Santos, antigo líder da Esquerda Republicana em Portugal, então exilado em França, e Moura Pinto, que é então encarregado de toda a comunicação com os outros elementos (AMP, carta Moura Pinto a Rodrigues Miguéis, 17/05/1945). O objetivo é desenvolver iniciativas no sentido de pressionar a nova assembleia de Nações Unidas para que sejam tomadas medidas contra os regimes autoritários ibéricos.

No âmbito da estratégia de internacionalização da causa dos exilados, João Camoesas dirige, a 11 de junho de 1945, um «Memorandum» ao Presidente da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional, em São Francisco, no qual denuncia a repressão no seu país, solicitando a assistência diplomática do organismo multilateral (NBWM, PIR, caixa 2). Na sua carta, Camoesas procura um compromisso firme dos Estados Unidos e do mundo livre com a causa dos democratas portugueses, recordando as palavras dirigidas pelo Presidente F. D. Roosevelt ao povo americano em 3 de setembro de 1939: «cada palavra que vem do ar, cada navio que navega no mar, cada batalha que é travada, afeta o futuro da América» (NBWM, PIR, caixa 2).

Entre os jornais distribuídos pelos imigrantes, o mais lido era o *Diário de Notícias* de New Bedford<sup>(5)</sup>, que dava ampla cobertura às atividades dos opositores. Num dos atos de propaganda contra a ditadura, realizado na sede da Aliança Liberal Portuguesa (ALP) no dia da comemoração do aniversário da República, o 5 de Outubro de 1945, o *Diário de Notícias* enalteceu os discursos de Camoesas e Rodrigues Miguéis, lamentando o derrube do regime republicano em Portugal (*Diário de Notícias*, 08/10/1945: 1). No entanto, apesar das campanhas do PACD, a propaganda anti-salazarista perdeu influência com o encerramento, em 1945, do semanário *O Colonial*, um dos jornais mais críticos com a ditadura entre os imigrantes nos Estados Unidos. De igual modo, após uma série de ações contra a instauração do Estado Novo, a ALP declinou

---

(5) Quando for citado este cabeçalho, sempre aludiré ao jornal de New Bedford (Massachusetts).

na sua atividade política, enquanto outros jornais luso-americanos, como *A Luta* de Nova Iorque ou o popular semanário *Jornal Português* de Oakland (Califórnia), alinharam com o salazarismo.

Paralelamente, os exilados no Brasil mobilizam-se em torno da questão eleitoral quando a pressão do governo força o movimento oposicionista a não apresentar quaisquer listas para as eleições das Juntas de Freguesia, realizadas no dia 21 de outubro de 1945. No dia 20 de outubro, ocorre uma manifestação sobre as eleições portuguesas, realizada na Associação Brasileira de Imprensa, bastião do pensamento democrático brasileiro, localizada no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pelo sector republicano exilado que comunica ao público presente a «mistificação eleitoral, com que, de afogadilho, o ditador Salazar procurou iludir as nações democráticas e manter escravizado o povo português» e «pede o apoio moral e a solidariedade dos democratas brasileiros e das demais nações civilizadas» para o combate e o derrube do ditador português (AMP, nota de protesto, 20/10/1945). Em nome da «Colónia Democrata Portuguesa» são denunciadas as atitudes do «ditador Salazar», a «parcialidade da ditadura», a manipulação das votações, que visam a «fraudulenta» vitória da União Nacional e, por fim, delata a «impotência do Chefe de Estado» frente ao poder de Salazar. O protesto é assinado pelo Diretório da União dos Democratas Portugueses e as suas representações estaduais. No final do evento é apresentada a proposta do envio de um telegrama ao grupo da *Seara Nova*, um reduto do republicanismo e da democracia reunido em torno de uma revista literária, afirmando a solidariedade pela campanha eleitoral desenvolvida pelos seus membros e pela decisão final que tomam em não participarem no «simulacro das eleições» (AMP, telegrama ao MUD, 27/10/1945).

Apesar das evidências de fraude, a batalha legal do MUD continua e crescem os apelos de apoios aos exilados. Em nome do Movimento, o engenheiro Rafael Rodrigues, que já passara pelo Brasil, dirige um telegrama aos seus antigos companheiros de exílio solicitando que estes manifestassem a sua adesão ao MUD (AMP, telegrama de Rafael Rodrigues, 24/10/1945). Nesse momento, é fundamental para a oposição em Portugal demarcar na imprensa portuguesa e internacional a união de todos os sectores oposicionistas no repúdio às atitudes levadas a cabo pelo regime salazarista.

Com este objetivo, no dia marcado para a realização das eleições para a Assembleia Nacional em Portugal, 18 de novembro, os dois sectores da

oposição, a UDP e o grupo comunista, estão reunidos num grande comício público, realizado novamente na sede da UNE. A responsabilidade da manifestação é do Comité Central da Frente Portuguesa de Unidade Antifascista. Os organizadores pretendem fazer uma demonstração pública da «unidade oposicionista» contra a farsa eleitoral montada pelo regime salazarista. A estruturação da cerimónia revela os diferenciados pesos do movimento: a presidência é entregue a um brasileiro, Hermes Lima, sendo partilhada pela direção da Frente de Unidade Antifascista, representada por Aniceto Monteiro. Na mesa, participam oradores portugueses de todas as facções (*Diário Carioca*, 20/11/1945: 1).

Durante os discursos, é feita a distribuição do folheto *Informação Portuguesa*, que visa fornecer ao público «toda a documentação necessária para que possam julgar, de uma maneira objetiva, a situação política de Portugal», reunindo enxertos dos discursos de Salazar, no qual são destacados períodos onde o Presidente do Conselho afirma ser «preciso pôr de lado a Constituição», ou ainda o «respeito» às «desigualdades naturais», contrariando as «belezas da igualdade e as vantagens da democracia» (*Informação Portuguesa*, novembro 1945: 3). São apresentadas ainda denúncias sobre as condições de vida no país. Também é posto à venda o *Programa da Frente de Unidade Antifascista de Portugal*, visando arrecadar fundos para o movimento (Ib.: 4).

No seu discurso, Moura Pinto afirma a sua postura de crítica ao imobilismo internacional diante da farsa eleitoral montada por Salazar (AMP, discurso manuscrito, s. d.). No entanto, as notícias das condições impostas pelo regime para a realização do pleito e da atitude de «abstenção eleitoral», assumida pelos candidatos da oposição, desmobilizam o movimento em termos de manifestações públicas, ainda que não diminuam os contactos com os oposicionistas no território português e com os demais emigrados e exilados políticos dispersos na Europa e nos Estados Unidos.

### **As eleições de 1949 e a mobilização do exílio no Brasil e Estados Unidos**

Em 1949, a perspectiva de um novo ato eleitoral, desta vez para a Presidência da República, renova a mobilização oposicionista (Matos e Lemos, Reis Torgal 2012). No caso do Brasil, ambos os setores oposicionistas, comunista e republicano, apoiam a candidatura de José

Norton de Matos. Para tal, contam com a propaganda levada a cabo por alguns jornais brasileiros que darão «cobertura» ao processo eleitoral português. Os exilados anti-salazaristas iniciam uma campanha de apoio a Norton de Matos e pela redemocratização de Portugal. Na edição do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, a candidatura do militar português é apresentada como um «desafio» ao «poder de Salazar» e uma verdadeira união do povo «contra a censura prévia e o arbítrio policial». O periódico denuncia as prisões de membros da oposição, como Rodrigues Lapa, e o «entusiasmo» da participação popular nos comícios de Norton (*Correio da Manhã*, 12/01/1949: 5). Um editorial do seu redator principal, Dalton Jobim, intitulado «A Farsa Portuguesa», é alvo de louvores por parte dos opositores. Numa carta assinada pelo exilado Francisco Dores Gonçalves, a oposição agradece as manifestações de solidariedade dos jornalistas brasileiros na luta que empreende contra os «tentáculos torturantes e letais de um governo totalitário» (*Correio da Manhã*, 29/01/1949: 2).

Apesar da mobilização e da esperança daqueles que continuam em Portugal, o pleito é visto com reservas pelos exilados no Brasil. Na verdade, estes reconhecem que são imensos os obstáculos no processo de escolha presidencial, a começar pela apresentação do candidato, o General Norton de Matos, um republicano, maçom e já com uma idade avançada. Desde a propaganda até a preparação do ato eleitoral, é extenso o caminho a percorrer pelos opositoristas; e a falta de garantias permanece como o grande obstáculo do desafio. Conhecedor das dificuldades, Moura Pinto resume a tática da candidatura a ser empregue por Norton e pela oposição, comparando a situação à vivida por Brito Camacho, seu antigo companheiro de Partido, no final da monarquia. Em resumo, seria preciso levar a candidatura até ao fim como uma forma de demonstrar a disposição da oposição de resistir aos demandos do regime (FMS, AJM, carta de Moura Pinto a Jaime de Morais, 28/01/1949).

O primeiro entrave a ser transposto é o do financiamento. A oposição nunca obteve grandes ajudas económicas em regimes ditatoriais. Os opositoristas só podem contar com a colaboração das figuras da oposição que possuíam fortuna pessoal. No caso da candidatura de Norton de Matos, para além dos apoios conseguidos em Portugal, a busca de auxílio financeiro entre os exilados incide em três áreas distintas: em França, através do grupo de José Domingos dos Santos (Clímaco 2017: 91); nos Estados Unidos, em especial graças ao apoio de Abílio Águas e João Camoesas (Pena-Rodríguez 2021: 79); e no Brasil, que tem na

altura da candidatura do velho General, o maior grupo de oposicionistas portugueses fora da Europa, reunindo nomes do republicanismo, como Jaime de Morais, Moura Pinto, Cortesão, os «Budás», para além de outros, como Sarmiento de Beires ou Sarmiento Pimentel, este último estabelecido definitivamente no Brasil desde a década de 1930, e figuras que acabavam de entrar para a luta oposicionista, como Aniceto Monteiro, Luís de Vasconcelos e outros (Paulo 2024: 36-41).

Assim sendo, no Brasil, a grande mobilização em torno da campanha é iniciada com a publicitação no *Diário Carioca* de um telegrama de saudação dos «democratas portugueses residentes no Brasil» ao General, afirmando o apoio à sua candidatura (*Correio da Manhã*, 07/10/1949: 3). Entre os que assinam o telegrama está Moura Pinto, antigo adversário de Norton durante o período democrático da República (Paulo 2024: 173-177). A ideia de uma coesão oposicionista supera as divergências do passado, mas a antiga rixa não é de todo esquecida por aquele que passa a ser o responsável financeiro pela campanha de Norton no Brasil, Moura Pinto (AMP, Carta de Moura Pinto a Jaime de Morais, 6/01/1949).

O apoio oficial dos Budás e dos seus aliados ao candidato oposicionista gera reações do regime salazarista. Na sua propaganda eleitoral, Norton, em trajes maçónicos, é descrito como «comunista» e o facto de ser apoiado por «exilados» é apontado como falacioso, já que para o discurso oficial salazarista, os «Budás» não estariam exilados, já que haviam sido abrangidos pela amnistia de 1940 (Paulo 2024: 189).

Apesar das acusações e do clima de temor da oposição, é enviada do Brasil a ajuda de 20 mil contos para a campanha de Norton, tendo sido arrecadados entre os opositores radicados em solo brasileiro cerca de 5 mil contos, uma soma significativa para a época, ainda mais se levarmos em conta as condições financeiras da maioria dos exilados. Os restantes 15 mil contos foram doados por Feteira, Ventura Brenha, um empresário do ramo bancário, e Ricardo Seabra de Moura. O dinheiro estaria destinado a financiar a propaganda e as deslocações do candidato (FMS, AJM, Carta de Moura Pinto a Jaime de Morais, 28/01/1949).

Graças ao apoio dos jornais locais que são afetos aos opositores no exílio, a campanha oposicionista e a repressão do regime chega ao conhecimento da sociedade brasileira. Na edição do *Correio da Manhã* de 12 de janeiro de 1949, a candidatura de Norton de Matos é apresentada como um «desafio» ao «poder de Salazar» e uma verdadeira união do povo «contra a censura prévia e o arbítrio policial». O periódico

denuncia as prisões de membros da oposição, como Rodrigues Lapa, e o «entusiasmo» da participação popular nos comícios de Norton (*Correio da Manhã*, 12/01/1949: 5).

No entanto, nem todos os jornais salvaguardam a figura do candidato oposicionista português. Para além dos jornais da colónia, os que são apoiados pela representação consular também tratam de reproduzir a propaganda salazarista. Uma exceção é o *Suplemento Luso-Brasileiro*, do jornal *A Manhã*, mantido pelo consulado português no Rio de Janeiro. Contrariando a diretriz oficiosa dos financiadores, o seu responsável, Francisco Cachapuz, publicita a representação de Norton de Matos enviada ao General Óscar Carmona, dando voz ao movimento oposicionista (*Suplemento Luso-Brasileiro*, 24/10/1948: 3). As consequências são imediatas e o jornalista é afastado da coordenação do suplemento.

Em fevereiro de 1949, o cenário mais temido pela oposição é confirmado. Os procedimentos eleitorais não permitem que o pleito eleitoral ocorra sem fraudes. Norton retira a sua candidatura, alegando falta de condições para a oposição concorrer de forma justa contra o candidato oficial do regime. No Brasil, entre os exilados, a consciência do clima favorável à continuidade do regime, criado pela Guerra Fria, há muito já os fizera desacreditar na eficácia de um processo eleitoral como forma de pôr fim ao regime. No entanto, a convicção política da necessidade de uma mudança dava força para a continuidade da batalha em prol da democracia (AMP, carta de Moura Pinto a Jaime de Moraes, 27/02/1949). No rescaldo da falhada eleição, os jornais brasileiros que apoiam os opositores denunciam as arbitrariedades do regime. Lúcio Pinheiro dos Santos, em entrevista ao *Diário Carioca*, afirma que o «trabalho de Norton foi desmascarar a farsa da ditadura» (*Diário Carioca*, 12/02/1949: 3). Os exilados transformam o fracasso eleitoral em argumento de combate contra o fascismo português. O trabalho de propaganda na sociedade brasileira não cessa e prosseguirá nas eleições seguintes.

Em relação aos Estados Unidos, o PACD assumiu a representação política da candidatura do general Norton de Matos. O comité viu nas eleições para a Presidência da República de 1949 uma oportunidade extraordinária para mobilizar a comunidade luso-americana contra a ditadura. De facto, João Camoesas confirmou publicamente o seu apoio ao candidato da oposição, descrevendo-o como um «modelo de virtudes republicanas capaz de restituir a Portugal o prestígio internacional e a

unidade interna, através da ordem democrática e do primado da opinião» (*Correio da Manhã*, 06/02/1949: 1).

Camoegas lançou a campanha a favor do líder da oposição a 30 de dezembro de 1948, assinando um artigo publicado na capa do *Diário de Notícias* com o título «E Nós?», com o qual pretendia incitar os emigrantes portugueses a mobilizarem-se a favor do candidato democrata. Num contexto de luta decisiva no campo da percepção pública, anunciou a organização de uma exposição itinerante, uma espécie de «caravana da liberdade», instalando em vários camiões uma «expressiva exposição gráfica» sobre a vida dos portugueses em liberdade nos Estados Unidos (*Diário de Notícias*, 30/12/1948: 1). No âmbito da sua estratégia de propaganda, o PACD decidiu também enviar uma série de telegramas a responsáveis políticos e de imprensa norte-americanos, entre os quais o Secretário de Estado, Dean Acheson, e o Secretário-Geral das Nações Unidas, Trygvie Lie, manifestando o seu mais veemente protesto contra a censura e pressões de que Norton de Matos estava a ser alvo (*Diário de Notícias*, 07/02/1949: 1).

A ampla e favorável cobertura do *Diário de Notícias* à candidatura do general português constituiu um importante estímulo para Camoegas, que tinha sofrido censura nesse mesmo jornal devido às pressões exercidas pelo governo salazarista sobre o seu anterior proprietário, Guilherme Machado Luiz (AHD, embaixada de Portugal em Washington, caixa 37, carta de Luiz a Camoegas, 09/08/1938). A grande popularidade e capacidade persuasiva do *Diário de Notícias* entre os emigrantes, com tiragens por vezes superiores a 20.000 exemplares, era uma garantia de sucesso na divulgação da liderança de Norton de Matos como um democrata militar capaz de transformar Portugal numa democracia comparável à americana (*Diário de Notícias*, 01/02/1949: 1).

No entanto, a cobertura das eleições pelo *Diário de Notícias* foi vista pelo novo embaixador de Portugal em Washington, Pedro Teotónio Pereira, como uma «campanha virulenta», informando Salazar que lhe causava preocupação e inquietação, pois contribuía para criar um preocupante clima de agitação na comunidade luso-americana (AHD, EPW, S11, E7, P2/68732).

Para o embaixador português, o tratamento da campanha eleitoral pela imprensa e agências noticiosas americanas foi «tendencioso» e «parcial». De acordo com a sua visão, a maior parte da cobertura dos media americanos foi marcada pela «má fé», qualificando as reportagens

da revista *Time* como «grosseiras» (AHD, EPW, S11, E7, P2/68732), o que levou à não renovação do visto de permanência do correspondente da revista, Lester Harley Geiss, em Lisboa. Repetiu-se assim o precedente da expulsão de Portugal do seu correspondente P. Kauth e a consequente proibição de circulação da revista no país, na sequência da publicação de um artigo, a 22 de julho de 1945, em que Salazar era retratado na capa com uma imagem alegórica do seu retrato junto a uma maçã podre e o seguinte título: «Portugal de Salazar, o decano dos ditadores». O relatório fazia uma descrição devastadora do país, considerando-o uma nação atrasada, com corrupção institucionalizada e pobreza generalizada (*Time*, 22/07/1946).

Para Pedro T. Pereira, eram particularmente incómodas as expressões que feriam a sensibilidade do povo português, como «ditadura», «ditador», «partido único», «censura» ou «totalitarismo». Várias vezes, durante a campanha eleitoral, o embaixador português ou os seus colaboradores apresentaram as suas queixas formais aos editores de vários órgãos de comunicação social, solicitando a correção de alguns artigos, sem grande sucesso (AHD, EPW, S11, E7, P2/68732).

Apesar deste clima de opinião favorável em alguns meios de comunicação social americanos, estimulado pela campanha de mobilização dos imigrantes para tornar visível a repressão da ditadura, a esperança de que pudesse haver alguma repercussão revolucionária em Portugal ou algum gesto relevante de apoio dos países democráticos foi-se desvanecendo. A conquista da democracia, como era intenção dos opositores, tornou-se mais uma ilusão do que uma realidade a curto prazo. O fim da ditadura, assente na convicção de que um país de inspiração e métodos fascistas como Portugal não seria tolerado na nova ordem internacional, acabou por se tornar uma mera miragem que deu lugar a uma melancólica frustração.

### **Considerações finais**

O final da Segunda Guerra e a derrota das potências do Eixo significa para aqueles que combateram as ditaduras ibéricas a possibilidade de um retorno ao sistema democrático. Face à nova ordem, Salazar sente a necessidade de abrir novos espaços de encontro com o governo norte-americano para favorecer uma legitimação explícita ou implícita do Estado

Novo. Portugal assume a sua «neutralidade colaborante», já que havia cedido as bases dos Açores aos aliados. Mas só os Estados Unidos poderiam convalidar a sua posição como ator legítimo na geopolítica internacional.

Por outro lado, no Brasil, o fim da ditadura de Getúlio Vargas, em 1945, inaugura no país um novo período democrático, onde a classe política e intelectual, que combatera a ditadura varguista, aparece como a maior aliada de velhos e novos inimigos do salazarismo. É preciso articular posições no cenário internacional no jogo de forças com o qual Salazar não se encontra em melhor posição, sobretudo com o crescimento hostil na sociedade brasileira. Por esta razão, envia para o cargo de embaixador no Brasil Pedro Teotónio Pereira, homem do regime por excelência (Martins 2020).

Na verdade, apesar da sua trajetória política, P. T. Pereira passa a agir como uma espécie de agente de intervenção de Salazar no estrangeiro, sendo para isto colocado em postos-chaves da diplomacia portuguesa nos momentos mais cruciais. No entanto, para os exilados em território brasileiro ele é apresentado como «o Rodolf Hess Português», apesar das tentativas de aproximação do Embaixador ao núcleo conservador (*Diretrizes*, Rio de Janeiro, 31/10/1945: 2). Nos Estados Unidos, a partir de 1947, e frente às necessidades impostas de aproximação com o regime norte-americano, Salazar volta a utilizar Teotónio Pereira como o seu representante de confiança.

Nos dois países, Brasil e Estados Unidos, os exilados mobilizam-se e conseguem organizar-se e desenvolver algumas ações relevantes de propaganda para promover a democracia em Portugal. No entanto, as esperanças criadas com o final da Segunda Guerra, logo se mostraram frustradas. O contexto da Guerra Fria, cujo cenário é estabelecido ainda nos primeiros meses de 1945, passa a ser determinante para o apoio dos antigos aliados ao regime português, graças ao seu posicionamento de combate ao comunismo e URSS como o seu principal agente.

### Fontes documentais

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), AOS//CO/NE/2C, caixa 426.

New Bedford Whaling Museum (NBWM), Portuguese Immigration Records (PIR), caixa 2.

Arquivo Moura Pinto (AMP).  
Fundação Mário Soares (FMP), Arquivo Jaime de Morais (AJM).  
Arquivo Histórico-Diplomático (AHD), Embaixada de Portugal em  
Washington (EPW), caixa 37; S11, E7, P2/68732.

### Fontes hemerográficas

*Diário Carioca* (Rio de Janeiro). 14/05/1944; 20/11/1945; 12/02/1949;  
17/08/1945. AJM  
*Diário de Notícias* (New Bedford). 13/06/1929; 23/02/1945; 09/05/1945;  
08/10/1945; 30/12/1948; 01/02/1949; 07/02/1949. Ferreira-Mendes  
Portuguese-American Archives.  
*Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). 12/01/1949; 29/01/1949; 06/02/1949;  
07/10/1949. AMP.  
*Informação Portuguesa* (folheto). Novembro 1945. AMP.  
*Suplemento Luso-Brasileiro* (Rio de Janeiro). 24/10/1948. AMP.  
*Time* (Nova Iorque). 22/07/1946. AOS/ ANTT.  
*Diretrizes* (Rio de Janeiro). 31/10/1945. AJM.

### Bibliografia

Barcelos Mendonça, Duarte Miguel (2010). “José Rodrigues Migués na  
imprensa lusa de New Bedford: uma presença asidua”, *Gávea Brown*,  
32-33, 39-344.  
Carvalho Arroteia, Jorge (2010). “Portugueses em diáspora: identidade  
e cidadania”, *População e Sociedade*, 18, 145-159. <https://tinyurl.com/33d45f8v> [Acesso: 22/11/2024].  
Clímaco, Cristina (2017). *Republicanos, Anarquistas e Comunistas no Exílio  
(1927-1936)*. Lisboa: Colibrí.  
Correia, Rui (2021). *Salazar em New Bedford. Leituras luso-americanas do  
Estado Novo nos anos trinta*. Lisboa: Guerra & Paz.  
Dawn, Linda Raby (1988). *A Resistência antifascista em Portugal, 1941-1974*.  
Lisboa: Salamandra.  
Ferreira, Jorge, Almeida Neves, Lucília (eds.) (2019). *O Brasil republicano.  
O tempo do nacional estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do  
Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Jiménez Redondo, Juan Carlos (2003). “Salazarismo y política exterior”, *Studia Histórica. Historia Contemporánea*, 21, 155-182. <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0213-2087/article/view/5937> [Acesso: 19/12/2024].
- Martins, Susana (2018). *Exilados Portugueses em Argel. A FPLN das Origens à Ruptura com Humberto Delgado*. Lisboa: Afrontamento.
- Martins, Fernando (2020). *Pedro Theotónio Pereira. O Outro Delfim de Salazar*. Alfragide: Dom Quixote.
- Matos e Lemos, Mário, Reis Torgal, Luís (2012). *Oposição e eleições no Estado Novo*. Lisboa: Assembleia da República.
- Marques, Teresa Martins (2025). *Nos passos de José Rodrigues Miguéis – Uma biografia como um romance*. Lisboa: Âncora.
- Paulo, Heloisa (1994). *Estado Novo e Propaganda*. Coimbra: Minerva.
- « — » (2000). *Aqui também é Portugal. A colónia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Minerva.
- « — » (2017). “Migrações e exílios: identidades e nacionalismo”, *Revista Portuguesa de História*, 48, 1, 85-98.
- « — » (2020). “Resistentes de cá, jornalistas de lá- A trajetória dos antissalazaristas no Brasil e as suas ligações com a imprensa local”, *Via Atlântica*, 37, 344-374. <https://doi.org/10.11606/va.v0i37.167666>.
- « — » (2024). *Os Exilados de Salazar*. Lisboa: Âncora editora.
- « — » , Pinto Janeiro, Helena (eds.) (2010). *Norton de Matos e as eleições presidenciais de 1949 60 anos depois*. Lisboa: Colibri.
- Pena-Rodríguez, Alberto (2020). “Portugal, debaixo do terror fascista!. João Camoesas y la propaganda contra la dictadura salazarista entre los inmigrantes portugueses en Estados Unidos (1935-1940)”, *Dados*, 63, 3, 1-32, e20190069. <http://dx.doi.org/10.1590/001152582020215>.
- « — » (2021). *Comunicar en la diáspora*. Granada: Comares.
- « — » , Paulo, Heloisa (eds.) (2016). *A cultura do poder. A propaganda nos estados autoritários*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Pereira, Victor (2014). *A ditadura de Salazar e a emigração. O Estado português e os seus emigrantes em França (1957-1974)*. Lisboa: Temas & Debates.
- Reis Torgal, Luís (2011). *Estado Novo, Estados Novos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2ª edição. 2 vols.
- Rosas, Fernando (ed.) (1994). *Uma oposição indomada e indomável. Campanha eleitoral do general Norton de Matos 1948/49*. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência/Câmara Municipal de Lisboa.

- Seixas Melo, Daniel (2020). “Do intelectual exiliado. Do legado humanístico de Jaime Cortesão”, *Revista de História das Ideias*, 38, 55-77. [https://doi.org/10.14195/2183-8925\\_38\\_3](https://doi.org/10.14195/2183-8925_38_3)
- Tucci Carneiro, Maria Luiza (ed.) (2017). *Tempos de Guerra e de Paz*. São Paulo: Humanitas.

